

# Antes de lá chegar, mais para cá um bocado – Por Fábio Morgado

written by Fábio Morgado | 20 de Setembro, 2025

**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre

**CRÓNICA**  
Fábio Morgado



Existe um rio. Não tão largo, que é possível a um amador, desde que previamente instruído, atravessá-lo a nado. Mas este, não está só. Dá as mãos à corrente que o guia, e tende à mesma foz de sempre, produzindo energia a um moinho, que ali repousa numa das suas margens, adormecido – induzido em sono pela erosão do abandono.

A vegetação em constante mutação parece todos os anos repetir-se, em todas as suas fases, apesar da geração e fim de mesma e que parece sempre seguir-se de um despertar, que traz a cor ao negro, o

movimento que contraria a estagnação, sempre num círculo que não depende de intervenções de alguém que crê existir apenas por acreditar ser pensante, e eu acho isso magnífico, quando me encontro com as ideias.

O moinho não parece renovar-se, a função da pedra mantém-se, mas ninguém vai lá moer, e com essa estagnação, o lugar está lá, totalmente pronto, para a corrupção se instalar, confortável.

Só o Homem tem a chave que leva a potência ao ato. Como um criador possui a tela, deixada em repouso, à espera de uma ausência de geração que só manifesta a corrupção que daí virá. O pó do esquecimento.

São as baquetas de todos os santos – que de fundo se escutam. Marcam a cadência, que nos faz aceitar essa miragem que é o tempo, como verdade absoluta, uma mentira por todos orquestrada para facilidade dos intervenientes.

Então, antes de lá chegar a essa coisa que é o tempo, sabemos agora, que mais para cá um bocado, ora o verbo não parece carecer de tempo algum na prática. E muito do que sabemos é apenas isso, uma impressão, porém, não pode ser tudo, como vejo ser praticado, e por algumas vezes, confesso também eu ser praticante...

Existem mesmo vezes que me levo a acreditar também, que ao longo do tempo, as coisas, as pessoas, são sempre as mesmas. Todavia as impressões que vou tirando, quando abraçado pela lucidez de não saber nada, levam-me a crer que não.

E algo parece até querer ultrapassar o campo das impressões, quando dou por mim em concordância com o pensador de Éfeso, Heráclito.

Heráclito chorava por saber estar certo. Nem as pessoas, nem qualquer rio, nem este rio, que deu tantas vezes energia ao moinho, nem o moinho, nem eu, surpreendentemente ou não, somos os mesmos. E como dizia o poeta solto de todas as grilhetas, quero e acredito que também as existenciais, *“à parte disso, tenho em mim todos os sonhos do Mundo”*.

Antes de lá chegar, mais para cá um bocado – Como dizia o meu Pai, quando queria explicar onde ficava alguma coisa que, lá no fundo, ele próprio não sabia, ainda. Mas ficamos a saber, eu e ele, que é onde o Homem se depara com a própria sombra. Descubra ser moinho, a encarar o rio, confiando o destino na mão dessa corrente, que é constante e que o transforma.

A sombra toma proporções da dimensão do Homem que o acompanha – seja possível medir a grandeza de um Ser aos palmos, e sabemos no fundo, que não é. Esse vulto que sempre nos acompanha por onde a luz nos segue, trata-se da geração, da corrupção, do abandono. O encontro que nos atira para a delicada e decisiva luta com os nossos próprios limites, a existência e o seu significado.

*“Em face da sua imagem e da sua sombra, o Homem realiza um dia um encontro decisivo com os seus limites”*, disse o Mestre Eduardo Lourenço. Pois, tendo a acreditar que é nessa ténue linha que reside a possibilidade de geração ou a corrupção no abismo da inércia, onde só está a ausência, e nada é criado.

O mesmo Mestre, deu conta um dia que *“Nós não lidamos com o tempo. Ele é que lida connosco”*, e o meu pensamento encontrou eco noutro Professor, desta feita Agostinho

da Silva que diria: *“Que cada um faça o favor de se cumprir, sendo o poeta à solta que entender ser”*.

E para se ser esse poeta à solta, é preciso ter consciência desse limite, e mesmo assim, seguir de mãos dadas com a inquietação, de procurar um sentido, numa luta em que o tempo sempre vencerá, enquanto lida connosco, e nos faz acreditar que somos nós a controlar.